

Economia deve manter-se estável neste semestre

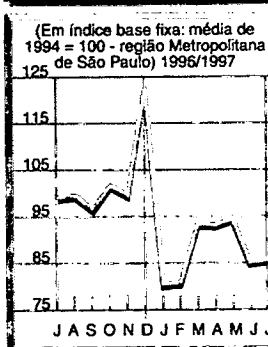
Mercado prevê crescimento maior somente em 1998

Teresa Navarro
de São Paulo

A economia deve manter-se estável no segundo semestre deste ano – descontada a sazonalidade – em razão do esgotamento da tendência de alta do consumo. A expectativa é de que o crescimento econômico seja retomado no próximo ano motivado pelos investimentos. Eles começam a ser alavancados pelas privatizações, programas de infraestrutura e concessões de serviços públicos.

Empresários e economistas afirmam que não existe nenhum fato novo que possa motivar o crescimento da economia pelo consumo. O ciclo de explosão das vendas estaria

Faturamento do comércio



atingindo o seu limite: o ganho real dos salários mais baixos com o fim da inflação deu lugar à estagnação da massa salarial, motivada principal-

mente pelo desemprego, e a oferta de crédito ao consumidor foi abalada pela inadimplência.

“Esperamos fechar o ano empatado com 1996. Se houver crescimento, não deve passar de 1 a 2%”, diz Alfredo Burghi, diretor-geral da Hipermercados Eldorado. Ele lembra que o ano passado foi bom para os supermercados, mas para manter o mesmo patamar conta com aumento sazonal das vendas no último trimestre do ano, em razão do Dia da Criança e do Natal. No primeiro semestre, o faturamento do hipermercado foi 4% inferior ao mesmo período do ano passado.

O diretor da Lojas Arapua, João Alberto Ianhez, afirma que as vendas estão estacionadas em um patamar inferior ao que se imaginava no começo do ano e cita a inadimplência e o desemprego como as principais causas da estagnação do crescimento. No primeiro semestre, o faturamento da Arapua teve alta de 5%.

Os números da Federação do Comércio do Estado de São Paulo (FCESP) mostram queda no faturamento de todos os segmentos do comércio, exceto no de automóveis. Nos sete primeiros meses do ano, o faturamento real dos semiduráveis caiu 7,6%, o dos duráveis recuou 9,8% e o de carros subiu 12,2%, em relação a igual período de 1996. Wladimir Furtado, economista da FCESP, acredita que o consumo só voltará a subir com o aumento da oferta de emprego, o que não deve acontecer tão rápido: “Primeiro é preciso que os investimentos se materializem em oferta de vagas”.

O economista José Augusto Arantes Savasini, da Rosenberg Associados, acredita que já (Cont. A-5)

SEXTA-FEIRA, 22, E FIM DE SEMANA, 23 E 24 DE AGOSTO DE 1997 — GAZETA MERCANTIL

■ NACIONAL

Dresdner Bank Lateinamerika

ALGO MAIS QUE RENTABILIDADE EM FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Economia deve manter-se estável neste semestre

Teresa Navarro
de São Paulo
(Continuação da Página A-1)

deve haver uma pequena melhora na economia, em razão dos investimentos, a partir de novembro e dezembro deste ano, mas mesmo assim a previsão do Produto Interno Bruto (PIB) dessazonalizado não muda: 3,5% no fechamento do ano.

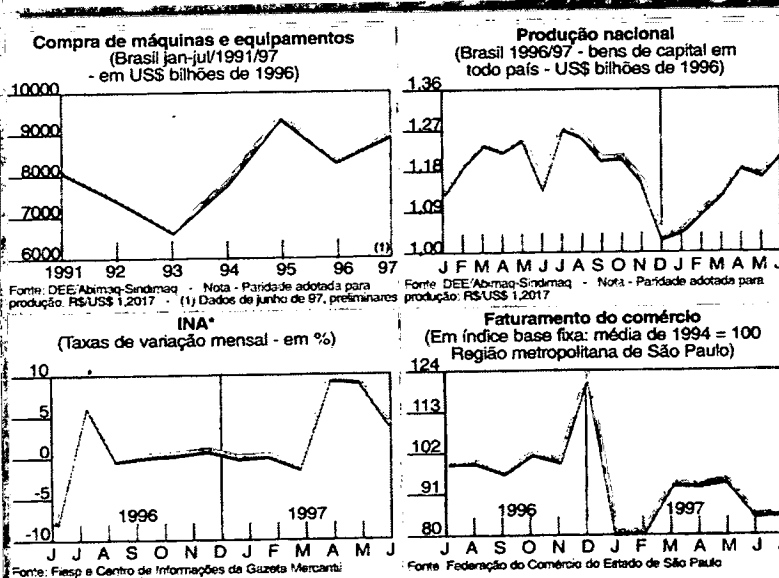
A estimativa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) é de fechar o ano com um PIB de 4% em comparação com 3% no ano passado. Uma fonte do Ipea disse ao editor Ivanir José Bortot que o governo descarta a possibilidade de um freio na economia – como deu ontem em manchete do “Jornal do Brasil”. A economia nos dois trimestres finais deste ano deverá manter-se estável. O PIB do segundo semestre, no entanto, ficará abaixo do atual, em 5,12%, já que a base de comparação é elevada. Isto porque o crescimento da economia em 1996 foi concentrado nos últimos seis meses.

A diferença do crescimento da economia pelos investimentos – e não mais pelo consumo – é que o processo é mais lento. O diretor do Departamento de Economia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, Boris Tabacof, diz que os investimentos anunciados vão primeiro movimentar o setor de bens de capital, depois devem começar a gerar empregos e serviços. “Só a partir daí os efeitos serão sentidos na economia como um todo, podendo futuramente alavancar novamente o consumo”.

Um estudo realizado pela Associação Brasileira da Infra-estrutura e Indústrias de Base (Abdib) mostra que nos próximos cinco anos serão investidos – pelo governo e principalmente pela iniciativa privada – US\$ 189,9 bilhões em 1001 projetos de infraestrutura. O setor de energia elétrica vai ficar com a maior fatia (45%), enquanto transportes e portos contarão com 20% do total dos investimentos (ver gráfico). “A expectativa é que os investimentos sustentem a economia nos próximos cinco anos”, ressalta Ralph Lima Terra, vice-presidente executivo da Abdib.

Os primeiros sinais deste movimento de retomada do crescimento já

O desempenho da economia



começam a ser percebidos pelas indústrias de bens de capital e serviços de infraestrutura. A produção de máquinas e equipamentos nacionais vem mostrando tendência de alta. O faturamento do setor em junho (US\$ 1,2 bilhão) foi 5,89% superior ao mesmo mês do ano passado – último dado divulgado pela Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq).

Os investimentos na modernização da produção ficam mais evidentes quando são incluídas as importações. O consumo de máquinas e equipamentos aumentou 7,1% no primeiro semestre deste ano em relação a igual período de 1996. Parte do crescimento do setor de bens de capital foi motivado pela maior facilidade de crédito aos produtores rurais. A previsão da Abimaq é que as vendas dos fabricantes de máquinas agrícolas cheguem a US\$ 1,5 bilhão em 1997, o que representará um crescimento de 87,5% em relação ao ano passado.

A maior oferta de crédito agrícola, apesar de já estar alavancando as vendas de máquinas e fertilizantes, ainda não teve impacto sobre a economia como um todo. “O setor agrícola representa cerca de 10% da economia. O crescimento só se consolidará de fato quando começarem os efeitos

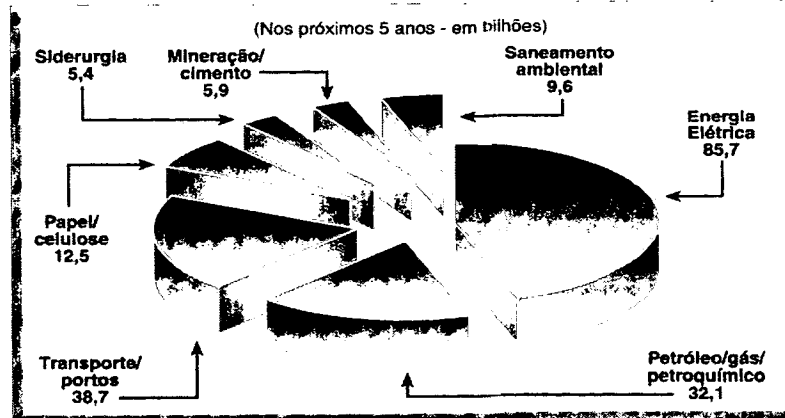
das privatizações e da modernização do parque industrial”, afirma Denise De Pasqual, da Trend Consultores.

As privatizações vão motivar um aumento de demanda de investimentos e serviços. Savasini cita como exemplo as concessões da Banda B de telefonia celular: “Além da entrada imediata de dinheiro na licitação, as empresas têm de acelerar os investimentos se quiserem garantir mercado, já que as empresas estatais estão intensificando a oferta de telefones”.

Mas o papel mais importante das privatizações tem sido o de segurar o déficit de doze meses no balanço de pagamentos (balança comercial, serviços e transferências unilaterais) que está em US\$ 33,4 bilhões. “A situação é confortável, não existe nenhum risco no curto prazo. Enquanto as privatizações continuarem garantindo a entrada de dinheiro do exterior, o governo tem como administrar o déficit”, afirma Denise De Pasqual.

A balança comercial – principal preocupação do governo – não deve sofrer alterações. A previsão dos economistas é que ela feche o ano com um déficit de US\$ 11 bilhões. “A grande dúvida agora é saber se as exportações vão ter fôlego para crescerem no mesmo ritmo das importações”, diz Savasini.

Investimentos em infraestrutura



Uma das saídas apontadas para estimular as exportações – a desvalorização do câmbio – é duramente criticada pelo ex-ministro e economista Affonso Celso Pastore. Ele defende que o Brasil não deve alterar seguidamente a sua política cambial em resposta às flutuações do dólar em relação às moedas européias e ao iene.

“Vejo com espanto as pessoas sugerindo que o Brasil devia atrelar o real a uma cesta de moedas. Isto é besteira porque perderíamos a oportunidade de termos vantagens nas exportações no momento em que o dólar se desvaloriza”, destaca Pastore. Para Savasini, a solução para aumentar as exportações virá através da modernização do parque industrial brasileiro. O que garantirá competitividade.

A perspectiva de investimentos na modernização das empresas motivou a Indústrias Nardini S.A. a retomar sua produção a partir de 1º de julho, depois de ficar parada durante todo o primeiro semestre. A empresa, que tem como principal produto tornos

convencionais, espera aumentar o seu faturamento em 10% a 15% nos próximos 12 meses. No segundo semestre, o crescimento previsto é de 4% em relação a igual período do ano passado. “Ficamos paralisados por meio ano em razão de dificuldades na obtenção de financiamento”, afirma Orlando Sanchez, diretor industrial da empresa.

As condições de financiamento têm sido uma das principais reclamações dos empresários do setor de bens de capital. O alto valor dos produtos faz com que o custo do dinheiro seja um componente forte para a definição da competitividade. “Era impossível competir com os fabricantes do exterior, quando os financiamentos nacionais eram limitados a 70% do valor do produto e ainda cobram juros mais altos”, diz Mario Bernardini, presidente da MGM Mecânica Geral e Máquinas Ltda.

A mudança em algumas normas para concessão de crédito, realizadas pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES),

é uma das alavancas que devem garantir o crescimento do setor de bens de capital. O BNDES aumentou o financiamento para 100% e reduziu os seus juros de 6% para 2,5% a 4,5%. Além disso, liberou o “spread” (ganho do banco intermediário).

O diretor da Nardini diz que o BNDES sempre teve recursos, mas eles não chegavam às mãos dos empresários porque os bancos não tinham interesse em fazer a operação em razão de o seu ganho ser considerado pequeno. “Estes problemas devem acabar, mas ainda existe uma limitação muito grande: para o empresário ter acesso ao BNDES ele precisa estar em dia com os impostos e só com esta exigência já são eliminados 60% dos nossos potenciais compradores”.

A Nardini estuda a possibilidade de começar a oferecer financiamento para seus clientes. “Grandes empresas de máquinas e equipamentos já fazem isso, captam dinheiro no exterior a juros mais baixos e oferecem para os compradores, sem as exigências do BNDES”, afirma Sanchez.

Menos otimista o presidente da MGM não acredita que o setor de bens de capital vai ser o responsável por alavancar a economia. “Isto é bobagem. Estávamos no fundo do poço e o máximo que vamos conseguir é recuperar o patamar de 1994”, afirma Bernardini. O faturamento de sua empresa este ano deve crescer de 40% a 50% em relação ao ano passado, mas Bernardini diz que 1996 foi um ano péssimo.

Já Savasini acredita que 1998 será o ano do setor de bens de capital. “Só que o processo é lento e apenas começou a dar sinais”. Denise De Pasqual diz que quando fecharmos 1997, os bens duráveis ainda estarão na frente dos bens de capital.